

# **ETNOGRAFIA E A FOTOETNOGRAFIA EM EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SEMINÁRIO PERMANENTE DE PESQUISA DO NETEDU/UERJ**

Adriano Fernandes da Silva Junior – Faculdade de Educação/UERJ –  
drnfrnnds@gmail.com

Luis Alberto Menezes Cerqueira – Programa de Pós-graduação em Educação/UERJ  
- luisufba@yahoo.com.br

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa a apresentar uma parcela dos estudos realizados durante o Seminário Permanente de Pesquisas realizado pelo Núcleo de Etnografia em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (netEDU/UERJ) em 2014.1, cuja a temática estudada foi “Etnografia e Educação: questões da sala de aula”. Nesse ínterim, este trabalho objetiva: compreender a natureza da pesquisa etnográfica, através dos subsídios teóricos de Frederic Erickson (2004); e, através da pesquisa de Paula Almeida de Castro e Carmen Lúcia Guimarães de Mattos (2011), discursar sobre a fotoetnografia como um possível recurso para a coleta e análise de dados na pesquisa etnográfica em educação.

## **METODOLOGIA**

O semanal seminário de pesquisas realizado pelo netEDU/UERJ é composto por estudantes da graduação e pós-graduação, mestres e doutores, sendo coordenado pela Professora Doutora Carmen Lúcia Guimarães de Mattos. Destaca-se, também, a presença de uma gestora educacional, um orientador educacional, professores e alunos de escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, proporcionando, assim, uma interação entre a universidade e as escolas de educação básica. No início de 2014.1, de acordo com a pesquisa em andamento (Tecnologia Digital e Pesquisa Etnográfica), foi escolhido o tema a ser estudado pelo núcleo, a saber, “Etnografia e Educação: questões da sala de aula”. Após a escolha deste tema, a coordenadora da equipe selecionou referências bibliográficas que trabalhassem com a temática definida e as distribuiu entre os participantes do seminário. Entre as referências selecionadas, destacam-se os livros “Etnografia e

Educação: textos de Frederic Erickson” (MATTOS, 2004) e “Etnografia e Educação: conceitos e usos” (MATTOS; CASTRO 2011), bem como artigo “Sentidos da Escola: fazeres, deveres e saberes” (CASTRO; MATTOS, 2011). A cada encontro, dois participantes do seminário ficaram responsáveis por principiar o debate, a partir dos textos que lhe foram designados, procedendo, previamente, a feitura de *Mapas Conceituais* (MATTOS; CASTRO 2010) – o recurso metodológico utilizado pelos seminaristas, de modo a identificar os principais conceitos e características da pesquisa etnográfica e seus usos no campo da educação, a exemplo da fotoetnografia.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados são apresentados com base nos encontros semanais do Seminário Permanente de Pesquisas do NETEDU em 2014.1. Nestes, observou-se a tessitura de expressivos diálogos, pautados nos referenciais bibliográficos supracitadas, concernentes à etnografia e suas abordagens.

Segundo Erickson (2004), *etnografia* significa escrever sobre os outros. O prefixo *ethno* deriva-se da expressão grega *ethnos*, utilizada pelos gregos para nomear outros povos (társios, persas, egípcios, etc.). O sufixo *grafia* significa, basicamente, registro, escrita. Daí a palavra *etnografia*, criada no fim do século XIX para caracterizar cientificamente os relatos de narrativa sobre os modos de vida dos povos não ocidentais.

Nesse sentido, a descrição etnográfica, em Erickson (2004) tem caráter sociolinguístico e visa registrar e analisar aspectos específicos nas práticas da fala e de que maneira estas práticas estão inseridas na sociedade em que elas ocorrem.

Entre os primeiros trabalhos etnográficos, Erickson (2004) destaca a monografia pioneira de Bronislaw Malinowski (1884-1942), a saber, “Argonautas do Pacífico Ocidental” (1976). Diferentemente de outros pesquisadores, que estudavam as culturas dos outros povos sob o julgamento da sua própria cultura, Malinowski descreveu as atitudes dos nativos da ilha de Trobriand segundo os seus próprios julgamentos. Em sua obra, Malinowski não compara as atitudes exóticas do povo com os padrões europeus, repudiando a prática comum em sua época de rotular as atitudes dos povos estrangeiros como bizarras, deficientes, em cotejo com a cultura

do pesquisador. Segundo Erickson (2004), “a etnografia malinowskiana se propôs à tarefa de produzir uma descrição válida e análise do sistema de significados do grupo social que era estudado”, sendo notavelmente identificado um relativismo cultural em sua obra. Ainda Erickson assevera que

um observador participante tenta ver os eventos nos quais ele ou ela participa do ponto de vista do relativismo cultural, tentando não fazer julgamentos finais e tentando entender os eventos como eles acontecem do ponto de vista e estabelecimento de valores dos vários atores nos mesmos. (ERICKSON, 2004, p. 29)

Com a experiência de Malinowski, segundo Erickson (2004), diferentemente dos “etnógrafos de gabinete”, observa-se que o mesmo conviveu com os participantes da pesquisa, uma interessante característica da pesquisa etnográfica – o estar no campo. Essa convivência e familiaridade é uma condição prévia para que o trabalho de campo tenha êxito. Em sua obra, Erickson diz que este é o principal método de coleta de dados, a saber, a observação participante.

Em Malinowski, segundo Erickson (2004), também se aprende sobre a importância do registro na pesquisa etnográfica. Através de sua obra pode-se perceber que Malinowski (1976) registrou em campo as ações dos nativos da ilha de Trobriand, descrevendo-as com minúcias de detalhes, mas sem julgá-las. Da mesma maneira deve proceder o etnógrafo da atualidade, conforme enfatiza Erickson: registrar as ações dos sujeitos da pesquisa com minúcias de detalhes, todavia sem ajuizá-las.

A partir desse referencial metodológico, os pesquisadores do Núcleo de Etnografia em Educação, há mais de vinte anos, vêm utilizando a etnografia em suas pesquisas educacionais. Assim como Malinowski, não dispensam a sua presença no campo, bem como o minucioso registro em seus cadernos de campo. Todavia, diferentemente de Malinowski, que possuía somente pena, tinteiro e papel, os etnógrafos da atualidade possuem diversos recursos tecnológicos a favor do registro, como câmeras de vídeo e gravadores, apenas a título de exemplo. Do mesmo modo, a partir da pesquisa de Castro e Mattos (2011), observa-se a utilização de câmeras fotográficas de modo a “introduzir a *fotoetnografia* como um novo recurso de coleta e análise de dados de modo criativo e em colaboração com os participantes” (p. 18. *O grifo é nosso*).

Com a pesquisa “Sentidos da Escola: fazeres, deveres e fazeres” (2011), as autoras, em uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro, investigaram os fazeres pedagógicos dos professores e alunos, bem como suas atribuições e saberes no cotidiano escolar. Valendo-se da fotoetnografia, as pesquisadoras disponibilizaram

para os alunos câmeras fotográficas digitais para que eles pudessem registrar cenas, lugares, pessoas, espaços da escola, de suas casas, dentre outros cenários que fossem relevantes para eles. Após essa etapa as fotos foram montadas em um painel e analisadas pelos alunos que explicaram o sentido que atribuíam às mesmas. (CASTRO; MATTOS, 2011, p. 18).

Nesse sentido, as fotografias não foram utilizadas pelas pesquisadoras isoladamente, antes foram somadas às vozes dos alunos e professores, dos quais foram colhidas as fotografias, com o intuito de investigar o significado que os próprios sujeitos designavam às cenas por eles fotografadas na escola e em outros espaços. Essa abordagem metodológica possibilitou que a significação dos fenômenos não partisse das pesquisadoras, mas sim dos alunos, uma vez que os mesmos possuíam saberes privilegiados de suas próprias práticas. Isso revela uma detida atenção aos pressupostos teóricos da etnografia ericksoniana (2004), onde as vozes dos sujeitos da pesquisa são privilegiadas, colocando o pesquisador como “intérprete privilegiado dos sujeitos que doam sentido sobre as suas vidas” (CASTRO; MATTOS, 2011, p. 18). Ao mesmo tempo, além de doar os sentidos, os sujeitos da pesquisa se beneficiam, uma vez que é oportunizado a estes um distanciamento de suas práticas rotineiras, com a oportunidade de conferir um sentido mais sofisticado e crítico a estas.

## **CONCLUSÃO**

Muito se tem discutido sobre a educação escolar, mas não se permite, em algumas frentes metodológicas, que as vozes dos indivíduos da escola participem, majorantemente, dessa discussão. Nesse cenário, a partir da discussão e resultados apresentados, compreende-se a etnografia, em Erickson (2004), como um recurso metodológico capaz de privilegiar as vozes dos participantes da pesquisa acerca dos acontecimentos em que os próprios são atores, em detrimento do julgamento dos pesquisadores sobre estes fatos.

Diante da atual era tecnológica, onde o acesso a câmeras fotográficas e celulares é, em grande parte, facilitado, percebe-se, a partir de Castro e Mattos (2011), a fotoetnografia como uma conveniente metodologia para as pesquisas em escolas, uma vez que os próprios alunos, em sua maioria, possuem os equipamentos. Igualmente, compreende-se sua importância como um recurso capaz de captar os olhares dos sujeitos da pesquisa acerca de suas vivências, bem como as suas vozes em relação ao captado, propiciando, assim, uma pesquisa em colaboração e necessário espírito crítico.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, P. A.; MATTOS, C. L. G. de. Sentidos da escola: fazeres, deveres e saberes. *Revista teias (UERJ. Online)*, v. 12, p. 17-32, 2011.

ERICKSON, F. *Descrição Etnográfica*. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. (Tradutora). "Etnografia na Educação – Textos de Frederic Erickson", Rio de Janeiro: 2004, pp. 03-68.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. V. Civita, 1976.

MATTOS, C. L. G. de.; CASTRO, P. A. (Org.). *Etnografia e Educação: conceitos e usos*. 1 ed. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. de. *Fracasso Escolar: Gênero e Pobreza*. (Relatório de Pesquisa). Rio de Janeiro: ProPEd, UERJ. 2010.